

29 Ago 1984 Quinze de Agosto Lisboa

BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE

REVISTA DE IMPRENSA

Publicação Correio da Manhã

Local Lisboa

Data 29/08/84 Série _____ N.º _____

D ESENHA desde criança, mas a gravura é a arte em que «navega». Nasceu em Gemese (Esposende), em 1949, e partiu para o Brasil com dez anos. O registo do diploma do curso normal proporcionou-lhe uma situação singular – tem dupla nacionalidade. Esta portuguesa/brasileira é Maria Irene Rodrigues, uma artista.

Desde pequena que sentiu grande inclinação para as artes, «para tudo o que fosse representar». A gravura surgiu com as disciplinas obrigatórias na faculdade, a mesma que cursou até se formar em Artes Plásticas, e a mesma em que encetou a sua carreira como professora.

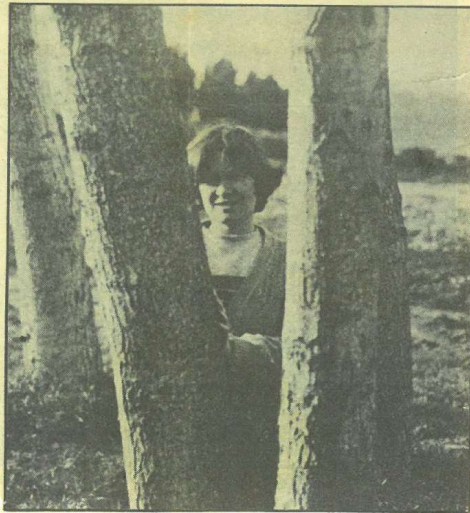
Mas a arte que sentia dentro de si e lhe «saía» sem esforço, fez com que percorresse outros caminhos e, em 1979, vem a Portugal: «A gravura que fazia lá, não se identificava com o Brasil. Não estava em sintonia; tinha algo de portuguesa».

Uma pessoa conhecida, aconselha-a e orienta-a na candidatura a uma bolsa da Gulbenkian. «Em 1980, regresso a Portugal para fazer a bolsa e inicia um estágio na Cooperativa dos Gravadores Portugueses».

«A minha vida tem sido, nestes tempos, um constante ir e vir entre um país e outro. Após o estágio regresso ao Brasil e sou convidada pela cooperativa onde estagiei, a dos Gravadores Portugueses, para orientar cursos de iniciação. Então, volto a Portugal... e cá estou, há três anos» – conta-nos esta artista plástica, cujas mãos criam autênticas obras de arte.

Maria Irene também desenha, mas o desenho «surge mais como um aliviar, digamos, como um espalhecer do acto de gravar». E salienta: «Com a gravura pode-se correr o risco de se repetir, de se insistir no mesmo assunto ou mastigar demais as mesmas ideias, mas eu tenho a consciência de que a gravura é a arte em que navego com muito mais certezas».

Portuguesa que também é brasileira faz desenho e gravura



Apesar de ter vivido em Portugal apenas dez anos e mais quatro entre o nosso país e o Brasil, Irene Rodrigues sentiu necessidade de «regressar às origens, para saber mais sobre a minha terra, sobre a nossa história...»

«Tenho a cabeça mais brasileira do que portuguesa, mas o sentimento nunca se anula e senti que tinha de regressar a Portugal. Cá estou bem, tenho melhorado bastante o meu trabalho e ganho imenso com esta estadia. Agora vejo com mais clareza e naturalidade... Se tivesse ficado no Brasil talvez tivesse estagnado, a vida lá é dife-

rente e exige muito mais de uma pessoa. Cá pode-se trabalhar em sossego» – disse-nos.

32 TRABALHOS DE IRENE NO ESTORIL

A gravura é uma técnica que requer muito tempo, muito trabalho. «Posso resolver uma gravura num mês ou, então, em seis meses, é conforme». A última

exposição de Maria Irene foi em 1980 e só passados quatro anos a artista «acha que tem material para fazer outra exposição».

Ela reuniu 32 trabalhos, entre desenhos e gravuras, e aceitou um convite: a partir do dia 11 e até ao dia 30 de Setembro, as suas obras vão estar expostas na Galeria da Junta de Turismo da Costa do Estoril.

«Esta exposição tem um facto curioso – diz-nos Irene – é a primeira que faço com um tema geral». O tema é «Vistas da Janela», o que não implica que sejam mesmo janelas: «podem ser dos olhos para o exterior, ou dos olhos para o interior».

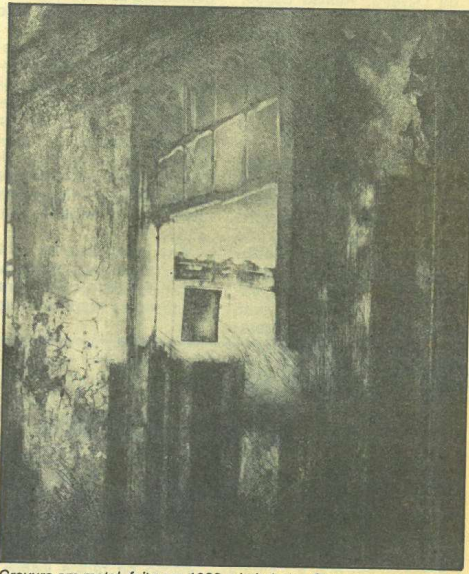
As gravuras contêm essencialmente uma mistura do Norte e de Lisboa. «São imagens do lugar onde nasci, fruto de uma investigação do espaço de onde sou natural, claro que coloco coisas que não são do Norte. Surge sempre uma mistura com outras de Lisboa, por exemplo».

Maria Irene Rodrigues acha que é difícil definir o que é fazer gravura, o que sente ao fazê-la, mas nela diz-nos que «navega» e que é também «uma forma de se encontrar».

O seu trabalho é esplêndido e as suas gravuras um resultado de um talento inato, no entanto, Irene não quer parar e sonha com uma investigação sobre a gravura popular portuguesa, a qual já começou «mas não deu continuidade», porque a prática não lhe dá tréguas e o tempo para o teoriza torna-se escasso.

Recém-chegada a Portugal, onde estagiou numa cooperativa fundada em 1956 com a liderança de Júlio Pomar e onde descobriu o primeiro gravador abstracto – José Júlio Andrade dos Santos – que muito admira, Maria Irene Rodrigues é um nome para reter.

A.N.



Gravura em metal, feita em 1983 e intitulada «Gemese», terra natal de Maria Irene